1.º Anno — Quinta-feira, 9 de Junho de 1892 — Numero 17

A Folha d'Ovar

FOLHA LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSAVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 8 de junho

Quasi descrentes de tudo, de braço dado com a indifferença e alliados á imparcialidade, a nossa posição social, assim, parece-nos bem melhor do que a de muitos outros.

Temos porém direito, por isso mesmo, de levantar um pouco, e de vez em quando, o véo que nos separa do mundo revoltoso e cheio de paixões, para vêrmos de longe, bem entendido, a sua agonia lenta e desesperada. Fazemol-o hoje e só por um momento.

*

Horror! O panorama que se desenrola á nossa vista é triste e ao mesmo tempo ascoroso! A Honra é cobardemente assassinada pela Infamia, e o Impudor crava as garras aduncas no coração ainda palpitante da Dignidade. O combate é desesperado e furioso e a pouco e pouco resvalam juntos os combatentes no abysmo tenebroso da Ignominia!

Vão rareando no campo as filas, e envoltas em medonho turbilhão, vacillam, cahem por terra e morrem em seguida.

Alguns soldados que sobrevivem, apesar de feridos, esquecem-se do dever e fogem — fogem espavoridos, olhando o futuro que os espera.

A Esperança morre nos labios dos que ousam invocal-a e a segurança pessoal é a primeira lembrança que lhes occorre, como possivel e unica salvação.

Cadaveres, sangue e lama: é o que resta da lucta travada entre irmãos.

O campo é livre!

Comtudo ainda por lá passeiam, occultas nas sombras, a Impudicicia e a Infamia.

Mas não fazem mal a ninguem: são simplesmente a vergonha da Humanidade, e além de tudo covardes.

Andam a procurar na lama os seus miseraveis alimentos. Deixal-os!

. . . . . .

Que horror! Não podemos por mais tempo encarar semelhante quadro, sem que o rubor nos incendeie a face, e apressamo-nos a correr novamente sobre esse horripilante panorama, o véo que nos separa do mundo e das suas vis paixões.

Ainda nos consideramos alguma coisa feliz, em vista de podermos affastar livremente a vista de tudo isso que nos incommoda, é verdade, mas que de nenhum modo nos empana a consciencia, nem nos salpica do lodo nauseabundo em que *chafurda* a sociedade decadente.

E é por isso que a nossa posição social nos parece melhor do que a de muitos outros.

LITTERATURA

Até que emfim

—

Eureka!

D'esta vez acertei, não me resta duvida. Ha uns dias a esta parte que tenho andado seriamente embasbacado. Procurava um *X*, e o maldito cada vez se tornava mais mysterioso e incognito.

Afinal, depois de muito matutar, e quando menos o esperava, encontrei-o alapardado entre o socego da consciencia e a tranquillidade. Eu não sou um mathematico distincto, muito longe d'isso até, como póde attestar o ex.mo engenheiro J. Lourenço d'Azevedo, *in illo tempore* meu professor na illustre sciencia, mas o facto é que a minha descoberta, que poderá não ser novidade, é de grande proveito, se não para a sciencia, ao menos para a humanidade que deseje viver em paz. Eis o caso:

Em tempos que já lá vão mui longe, a politica que principiava a estar na berlinda da moda, occupava todos os espiritos, auferiam-se por meio d'ella grandes lucros, e a nação perdia. Levado pelas ideias da epocha e por um pouco-nada de ambição, fiz-me politico e alistei-me sob as bandeiras do *sebastianismo*.

Como não colhesse resultado d'este primeiro passo, avancei de *sebastianista* a *jacobino*, e em seguida passei a *miguelista* desesperado, onde, como nos outros campos tirei sempre proventos eguaes:—zero. De *miguelista* dos quatro costados que era, passei a *cartista* furioso.

Não engordei, nem enriqueci por isso. Os tempos corriam maus, muito maus mesmo. Regeneradores e progressistas levantavam já as suas tendas de campanha, e milhares de soldados corriam a pegar em armas a um e outro acampamento. Fui como voluntario acampar com os primeiros, mas durante o tempo de paz e de guerra que militei com elles, o *nada* perseguiu-me sempre fatal e inexoravel.

Desertei para os segundos, e d'ahi fui successivamente, sempre soldado raso, sempre em *statu quo, republicano* convicto, *portofranco, lopaceo, barjonaceo* de gemma, etc. . .

A politica estava-me no sangue; corria tão indifferentemente pelos partidos como o meu conterraneo Serpa Pinto pelos sertões africanos, quando fez a sua terceira travessia.

A minha casaca já cahia em farrapos das muitas voltas a que tinha sido submettida. Não minto se disser, que não se lhe encontrava polegada de panno onde não tivesse passado a agulha.

Estavam-lhe porém reservadas ainda algumas provas. A desgraçada não teve mais remedio que submetter-se. Fui *socialista enragé*, assisti, sem tomar parte, a *grèves* espantosas, e começava a inclinar-me aos *anarquistas*, quando o Ravachol emprehendeu, por meio do dynamite, a sua desgraça.

Abandonei então esse campo, e puz-me a reflectir sériamente.

Até ahi, e tendo corrido todos os regimentos politicos, não encontrara socego, nem satisfizera a minha ambição. Olhei. As eleições luziam-me lá ao diante no meu horisonte, negro como sombras do sepulchro, deixando-me vêr por entre uma nuvem fendida maravilhosas cousas, e então comecei a ter uma inclinaçãosita cá por um sujeito.

Consultei a minha casaca, e ella obstinou-se em não consentir mais concerto algum. Fiz-lhe notar os prós e os contras da sua teimosia, mas retorquiu-me com factos:

1.º Que era impossivel sujeitar-se a nova operação, pois que o seu estado era tal, que se gastaria em linha muito mais que o preciso para fazer mil casacas novas, e que nem ella sustentaria já o peso da linha.

2.º Que eu jámais lhe dera descanço, sendo certo que tambem na minha travessia politica não ganhára real, nem pança.

3.º Que era tempo de ser substituida.

Tudo isto era sensato, mas as eleições attrahiam-me; e attrahiam-me porque se dava o caso de não poder dizer o mais pintado que eu votára com elle, ou comera algures carneiro com batatas.

Questionamos largo tempo.

Afinal acceitei como plausiveis as opiniões da minha casaca, e resolvi mandar fazer um novo paletot. Chegou. As côres são vivas como as do arco-iris, innumeras como as estrellas do ceu e as areias do mar, mas tem um pequenino defeito; não é susceptivel de voltas.

O que é, é; e é o que alli está.

Mas, perguntava-lhe eu, porque se te não podem fazer concertos?

Nada. Respondia-me sempre, muda como a mudez. Faltava-lhe o dom inapreciavel que a outra possuia—não fallava.

Scismei e tornei a scismar. Procurava a decifração d'aquelle quebra-cabeças, sem descanço, desesperadamente, consultando todos os alfarrabios politico-charadisticos, lançando olhos ávidos

---

Folhetim da FOLHA D'OVAR

AUTOPSIA A OVAR

(CRITICA)

I

Vamos fazer uma *autopsia* a um vivo! porém, como esse vivo tem sufficientemente patentes as partes mais reconditas, que foram, do seu corpo, facil é fazel-a, mas de difficil descripção.

Primeiramente dividiremos o esqueleto em todas as suas partes e em seguida mostraremos qual o resultado da autopsia ao corpo.

II

Os habitantes mais graúdos d'Ovar, quer pelos seus pergaminhos, quer pelas suas fortunas serão o *tronco* do corpo.

Os que d'entre aquelles exercerem mais preponderancia formarão a *cabeça* e os restantes d'Ovar constituirão os seus *membros*.

Eis pois que temos já as tres principaes partes do corpo—*tronco, cabeça* e *membros*.

O *tronco* do homem é formado pela *columna vertebral, costellas* e *sternum*.

A columna vertebral do homem é uma haste ossea que corre ao longo do corpo, estendendo-se desde a *cabeça* até á extremidade inferior do *tronco*.

A *columna vertebral* d'Ovar é a *rapaziada*, cada *rapaz* é uma *vertebral* pelo interior da qual corre a *monomania da critica* que é a *espinal-medula* do corpo humano.

Por todos são conhecidas as costellas humanas; as de Ovar são formadas pelos negociantes *mais novos* que se ligam á *rapaziada* do mesmo modo que as *costellas* se articulam ás *vertebras*.

O *sternum* do homem é um osso chato situado fronteiramente á *columna vertebral* e ligado lateralmente ás *costellas*, isto no corpo humano; em Ovar, porém, o *sternum* é formado pelos doutores e capitalistas de 25 annos para cima, que passam o tempo nas lojas da praça, ligando-se com os capitalistas e doutores já edosos com uma ligação semelhante á do *sternum* humano com as *claviculas*.

Eis como é formado o *tronco* d'Ovar; passemos agora á *cabeça*.

A *cabeça* do homem está dividida em duas partes—craneo e face.

O *craneo* d'Ovar é constituido pelas *mamãs* e *titis*.

A *face* (que é semelhantemente ao craneo uma caixa ossea, destinada a guardar os orgãos da *vista*, do *olfacto* e do *gôsto*) é formada em Ovar por v. ex.as, gentis leitoras.

Desejariamos fallar largamente dos sentidos, falta-nos o espaço e tempo; não obstante isso mostrar-vos-hei onde reside os orgãos do *olfacto* e do *gôsto*.

O sentido do *olfacto* reside nos *jornalistas vareiros* que possuem verdadeiro olfacto de... phtysicos.

O do paladar, reside nas creanças que em as reuniões dos domingos se *atiram* aos doces como em outras epochas Sant'Iago se *atirou* aos mouros.

Terminaremos a divisão do corpo, mostrando-vos, presados leitores, os elementos constituitivos dos membros.

Semelhante ao corpo humano, Ovar tem *membros superiores* e *inferiores*.

Os superiores são as *claviculas* de que acima fallei e as *omoplatas* que são constituidas pelos *brazileiros* que mostram bem á vista, brilhantes, ouro e *burras*... talvez vazias.

Os braços são os dois partidos. As mãos... as mãos... são os empregados publicos.

Os membros inferiores são as *tricanas* e a classe piscatoria; as tricanas formando os *ossos illiacos* das *ancas* vareiras ligados ás vertebras—os rapazes.

As pernas e os pés são formados pela classe piscatoria sem a qual Ovar pouco seria.

Terminamos a divisão do esqueleto; segue-se a autopsia. O *escalpello da critica* está afiado e os desinfectantes á mão.

III

Estou arrependidissimo, presados leitores, em ter principiado a

para tudo e para todos e... *nihil*.

O buzilis fizera-se incognita, e esta mettera-se na mais densa treva e mysterio. Com o interesse da descoberta, as ideias politicas iam abandonando o meu espirito, as eleições esquecia-as pouco e pouco. Passados dias já só me lembrava d'umas e d'outras e do sujeito com que sympathisava, como da primeira camisa que vesti. Uma noute d'estas, haverá tres dias, se bem lembra aos bicos da minha penna *(sic, London n.° 3)* chuviscava levemente, *mólha-tolos* como lhe chama o povo, e eu que ia mui tranquillo e sanctamente em caminho do Principe Real para assistir ao beneficio da Barenco, voltei a casa a munir-me das indispensaveis galochas e capa, presumindo e esperando a prophecia do Saragoçano, que se não realisou.

A capa!?... Oh! acudiu-me logo uma ideia e agarrei-me a ella como naufrago que se lança desesperado á primeira taboa que vê fluctuando.

Achei!!! Os alfaiates são uns grandes maganões! Tinham sido a experiencia e o pensar bem, esses *tailleurs* inapreciaveis que me haviam pregado a partida. O paletot fôra feito d'um estofo impalpavel, imponderavel e impremiavel á politica. Sim senhor!...

Veste-me perfeitamente, póde-me deixar engordar e enriquecer, e desafio todos os caudilhos politicos do mundo a que me façam alistar no seu partido agora.

A humanidade que compre, que ha de achar-se bem.

M. Legnar.

APUD CUNAS PUELLULÆ

—

Meigamente reclinada,
pendidas as mãos formosas...
como é doce o teu dormir!
Quem, ao vêr-te, branca fada,
não entretece de rosas
a tua senda do porvir?

Quem, tua fronte embellecida,
como as houris do Propheta,
d'aureos fios divinaes,
pensará vêr contrahida,
de crueis sulcos repleta,
pelas maguas filiaes?

Musa terna da poesia,
cuja face ostenta as rosas
que entreabrem no mez d'abril,
quem poderá olhar-te um dia
sem as perolas formosas
da tua bôcca tão gentil?

Do florir da existencia
no jardim esplenduroso
sentirás o grato olor,
verás como em funda ardencia
teu seio palpita ancioso
ebrio d'um sonho d'amor.

Depois, talvez, n'um sorriso
que um Petrarca enlouquecera,
que Hugo cantára emfim,
encontres um Paraizo
que Deus a teus pés tecera
dos *lyrios* do seu jardim.

E viverás descuidosa,
—na falla os gorgeios d'ave,
de teus annos no verdor,
como louca mariposa,
encantada á luz suave
d'um casto raio d'amor.

E então na arena da vida
á infamia talvez curvada,
a meros caprichos vis,
de saudade indefinida
surgirá a mão descarnada
dos teus tempos infantis...

Mas pensar que te deforma,
—tu que és tão meiga, e tão terna,
da magua o fundo rigor,
se o teu doce olhar transforma,
como Medusa moderna,
tudo em Tantalos d'amor?!

Ai! dorme, dorme, creança,
porque os teus labios risonhos
assim jámais se abrirão:
mais tarde não ha bonança...
outro pensar, e nos sonhos
outras imagens então!...

Aveiro, 92.

Olympio Fonseca.

NOTICIARIO

Felicitações

—

Enviamol-as ao nosso amigo e digno escrevente n'esta comarca, Antonio Augusto Freire de Liz, pela approvação obtida no concurso de escrivão e tabellião, que foi na 1.ª classe.

Ao seu digno escrivão, ex.^mo^ sr. Eduardo Ferraz, se deve muito este resultado que nos congratulamos de noticiar, porquanto Freire de Liz, além da sua applicação teve um grande mestre, sem duvida o mais versado no officio.

Consorcio

—

Uniram-se pelos laços do matrimonio, na tarde de domingo, o sr. Manoel Pereira d'Almeida, d'Assões, com a sr.ª Anna de Jesus Filhota, da Arruella.

Parabens e muitas felicidades.

Santo Antonio

—

Terá logar a festividade d'este milagroso santo, com toda a pompa, no domingo e segunda-feira proxima, havendo no primeiro dia missa cantada, sermão e procissão, e no segundo tambem missa cantada, sermão, e novena ás 6 horas da tarde.

A musica é do sr. Valerio, que tocará egualmente fóra da capella na noite de segunda-feira.

Aos nossos collaboradores

—

Tenham paciencia, amigos; não ha espaço no nosso jornal para servir todos a um tempo.

Por causa d'um cão

—

Foi preso no domingo o mudo *Chia*, por espancar barbaramente um cão, lá porque o *innocente irracional* fôra a um talho e começára a desbastar uma perna de vitella!

Poucas horas esteve á sombra.

O arraial de S. Donato

—

Tanto na vespera como no dia, foi muito concorrido aquelle arraial.

No domingo, muitos foguetes e duas phylarmonicas—a «Ovarense» e a do Souto—distrahiam os romeiros.

As *Marias* tiveram occasião de, á luz da lua e nas barbas do publico, abrirem as suas almas aos *Maneis!*

Os logarejos circumvisinhos e mais proximos apinhavam-se de *jovens-vareiros* que, de copo do verdasco em punho, dançavam animadamente ao som das *hespanholadas* e da voz do regente da musica do Souto.

Eram 3 horas e meia da madrugada quando retiramos—os ultimos—e que nos sacrificamos a permanecer até findar o arraial por causa da *reportagem!*

Nada houve que perturbasse o socego, absolutamente nada.

No dia seguinte houve missa cantada, musica, sermão e procissão, e de tarde o costume: gaitas, foguetorio e merendollas para quem as levava de casa.

Lá fomos e gostamos muito.

Muito calor, muito pó; porém, para minorar a doença geral por que todos passaram, procuravam-se as pharmacias: as pipas do verde e as roscas!

Muita paz; apenas um *petiz*, com pretenções a homem, não se deu á prisão, prisão dada por ordem d'um cabo *petiz* tambem.

Não podemos saber os nomes, nem os leitores se importarão com isso.

O arraial de segunda-feira terminou tarde.

Coração de Jesus

—

No dia 24 do corrente será festejado na capella de N. S. da Graça, o Coração de Jesus, sendo por este motivo transferida a festa do S. João para o domingo seguinte.

Romaria do Senhor da Pedra

—

E' no domingo que tem logar a festividade do Senhor da Pedra, cuja ermida é situada á beira-mar e nas proximidades da Granja.

Como os leitores vêm, n'esse mesmo dia temos o nosso Santo Antonio na Praça, e este bemquisto santo tomará a mal, e com razão, se os seus devotos o abandonarem, fugindo para o Senhor da Pedra.

Ninguem fará isso; nós não o fazemos por muitas razões: se o tempo assim continua, como se espera, morre-se na tal romaria com calor; a *crise* ainda vigóra e Santo Antonio não nos deita a sua benção nem fará mais milagres.

Rev.º José Augusto da Rocha

—

Este nosso querido amigo e digno prior de Tamengos, está convidado para vir prégar os sermões no domingo a Santo Antonio.

De regresso

—

O nosso amigo F. Marques da Silva, digno escrevente do ex.^mo^ sr. dr. Sobreira, regressou na terça-feira de Tuamagal, onde foi passar quatro dias agradaveis em companhia de seu primo e tambem nosso amigo, Manoel José de Pinho e sua ex.^ma^ esposa, residentes em Lisboa.

F. Marques disse-nos que viera alguma coisa constipado, porém muito contente, pois disse-nos:—«o gosar a bom gosar foi aquillo. Quanto mais vale aquillo a ser-se escrevente!»

Agradecemos

—

Ao nosso amigo e distincto collaborador litterario do nosso jornal, Gonçalves Pereira, de Ois do Bairro, agradecemos a offerta do livro *precioso* do sr. Moysés Nóra.

Lêmos, apreciamos, mas nada escrevemos a tal respeito. D'isso se teem encarregado alguns collaboradores nossos e que julgamos auctorisados.

Nós só diremos que *talento* como o do sr. Nóra jámais deveria haver n'este mundo... para vergonha nossa!

A'vante, Nóra, ávante! Os teus primeiros lampejos... de *tolices* teem sido admirados!

Typhos

—

Continuam a grassar na Marinha. Nada menos de 13 pessoas estão acommettidas com esta terrivel enfermidade.

Estimamos

—

Entrou em franca convalescença o nosso amigo Francisco Rodrigues do Valle.

Estada

—

Esteve no dia 5 entre nós o ex.^mo^ sr. dr. Pinto Bastos, d'Oliveira d'Azemeis, retirando-se n'esse mesmo dia para aquella villa.

Incommodo

—

Acha-se bastante incommodado o reverendo Manoel Gomes Dias. Promptas melhoras.

Sardinha

—

Tem estado regularmente abastecida a nossa praça, regulando os preços de 800 a 1$400 réis o milheiro.

A' ULTIMA HORA

—

Pavoroso incendio no Furadouro

Pela meia noite de terça-feira, regressamos da praia do Furadouro, aonde fomos chamados pelo alarme de fogo!

Seriam 6 menos um quarto, quando a villa d'Ovar foi sobresaltada por tão horrenda como triste noticia.

Nada menos de 500 palheiros, situados no Sul da costa acabam de ser devorados pelas chammas!

Ovar assiste áquelle quadro devéras consternador.

Imagine-se o numero de palheiros que área poderá ter, sendo estes cortados por largos caminhos; imagine-se, portanto, o que todos viram.

Foi para nós um incendio nunca visto.

Pelo adeantado da hora, nada mais diremos, esperando fazel-o com maior desenvolvimento no numero proximo.

Compareceu a bomba municipal, fazendo bom serviço.

A rapaziada d'Ovar, sem uma unica excepção, provou mais uma vez, alli, á frente do espectaculo verdadeira-

---

escrever sobre um assumpto, para o qual me faltam actualmente as forças precisas, mas... *Noblesse oblige!*

Ovar padece, ha muito, d'uma molestia que tem intervallos socegados, mas os seus estragos são muitos; essa molestia é vulgarmente chamada—politica.

A carne fibrosa (que representa como illustração) e que se une ás vertebras vareiras, tem mais volume que substancia, apparenta muita mas tem pouca.

O *sternum* d'Ovar está desgasto ou pela vida sedentaria ou pelo cançaço de passadas estroinices.

A face ovarense, essa, perdoae gentis leitoras, está bastante enrugada e na *epiderme* apparecem evidentes vestigios de *pegadas de gallinha*...

As *omoplatas* de Ovar são minadas pela terrivel doença—*a avareza*.

....

Não posso continuar o esfacellamento d'um corpo decrepito; desinfecto a atmosphera e vou dar-vos conta das reflexões apoiadas na observação.

IV

A sociedade da minha terra natal póde dividir-se em um numero infinito de pequenas classes, mas as duas principaes são: a *aristocracia* e os *vencidos da politica*.

Não se entenda por aristocracio, as familias brazonadas, não, Ovar tem poucos brazões; a aristocracia é formada pelas familias cujos pergaminhos lhes advem das magnificas educações antigas.

As meninas novas, creio, mais tarde pouco se importarão com as fidalguias dos papás, visto que tambem aspiram ao matrimonio... Se não fôra isso talvez a fidalguia fosse passando de paes a filhos e d'aquelles a netos... Mas, como quereria eu que passasse a netos sem que as meninas casassem... Resultados da minha incompetencia.

O provir das donzellas (phrase d'um nosso patricio) e que é constituido pelos rapazes novos d'Ovar, esse sim, esse é que é mesmo .. não sei que diga...

Muito bons meninos, alguns, francos; poucos, bons cavaqueadores; muitos, affectados e todos *monomaniacos da critica*. Eu faço parte de todas aquellas classes, excepto da dos bons cavaqueadores; nunca tive geito para entreter ninguem; a culpa não é minha, creiam-o.

O nosso elemento novo não sabe frequentar uma sala; encontra-se timido e tem razão, visto que vós, presadas leitoras, andaes sempre munidas de afiadissimas thesouras de critica e nós (pobres diabos) receiamos que ao voltar as costas, ouçamos umas gargalhadas ironicas, muito vossas inseparaveis companheiras.

Eis, leitoras, a razão porque nós, rapazes novos, não somos homens de sala.

Quebrae as vossas thesouras ou deixae-as em descanço sobre a vossa meza de costura... e ver-nos-heis folhear, rasgar o nosso diccionario de amabilidades, dos dictos que v. ex.^as^ tanto apreciam. (Apartemos a modestia), ver-nos-heis com os lenços encharcados de thymeamas, lançando sobre vós o fumo odorifero do nosso thuribulo, até então apagado.

Outra razão, porque os rapazes novos se acham acanhados perante v. ex.^as^, é a vigilancia dos papás, das mamãs, dos titis... que sei eu...

Os papás não deixam que disparemos umas phrases enthusiasticas sem que venham saber de que se trata, e vós, gentilissimas leitoras, córaes ás primeiras palavras amorosas que vos dirige um despreoccupado. Sêde menos ingenuas, não córeis e então é vêr as amabilidades, as declarações...

Então sim, então vereis que os rapazes conversam em quanto dançam, que as horas lhes parecem segundos e que vos irão acompanhar a vossas casas em risco de apanharem alguma bronchite aguda.

Os *novos* farão confidencias mutuas, parecendo uma horda de thraconicos ou conspiradores.

E... se puder continuarei.

Porto—92.

Marcel Emiliano.

mente triste, a energia e boa vontade com que se houve, auxiliando quanto possivel os martyres de tão pavoroso incendio a quem eram roubados os seus palheiros.

A esses um «bravo». Não succedeu, como devia, o mesmo com a classe piscatoria e mulherio da beira-mar.

Estes e estas, se bem que rudes, eram malcreados e negligentes.

De mãos cruzadas contemplavam o quadro, e a respeito de trabalho...

E ainda ha compaixão para os pescadores...!

O maior numero de palheiros não estavam no seguro.

Foi dada parte, por meio de telegramma, á companhia dos bombeiros municipaes do Porto, que não vieram, como mandaram dizer em telegramma, por a companhia dos caminhos de ferro não fornecer wagons para o material.

Tambem os bombeiros de Aveiro offereceram os seus soccorros, mas, por ser desnecessaria a vinda em vista do adeantado do fogo, foi dada ordem de suspensão.

A casa do «Hotel do Furadouro» esteve prestes a arder tambem.

Temendo-se isso, foi despido de toda a mobilia, pertencente ao proprietario do mesmo, sr. Silva Cerveira, negociante n'esta praça.

O mesmo se fez a outros palheiros, ficando tudo sob a vigilancia da policia civil, aqui destacada, e guarda fiscal.

O administrador compareceu e assistiu até final, acompanhado do seu secretario.

Descrever o que vimos, é-nos impossivel, já porque não nos sentimos com as forças precisas, e já, finalmente, porque o nosso espirito está e é para estar perturbadissimo ao conservarmos na ideia vivo, muito vivo, o incendio pavoroso que a todos aterrou.

Retiramos á meia noite, dissemos; porém o fogo não está ainda de todo extincto.

Felizmente, não temos a registrar victima alguma; alguns córtes, queimadellas, arranhaduras, etc., etc., mas mais nada por emquanto e, por certo, ficará por aqui.

Antes assim.

Não podemos saber qual o calculo dos prejuizos.

CHRONICA

Viva o *brodio!* Pois quê? Fui a Guilhovae, ao arraial de S. Donato. Que pandega! O quê? Se todos os dias fossem assim, aonde estaria eu já? Na patria dos justos—no céu! Admiram-se? Sim, no céu é que eu estava, e propunha-me, acto continuo, chronista d'um dos jornaes mais lido d'aquelle novo mundo.

Pois lá fui, leitores, no domingo.

Tudo era lindo: a musica, os foguetes, e o reboliço.... Ai, Jesus...

E depois, seriam 10 horas, e depois... n'uma vasta eira, á *luz da lua,* (roubei este bocadinho indegesto ao chronista do *Povo,* á luz da lua, disse, acompanhado de 8 amigos, a contas com os frangos assados! O A. Costa servia de creado, mas ia trabalhando com os dentes; o Piedade... Não conhecem o Piedade? o fiscal do governo ou dos caminhos de ferro, que anda sempre de camboyo? Não? Pois olhem: é um rapaz como poucos...

Pois este amigo dançava, cantava e comia por dois.

O Zagallo, esse só dizia:—«Venha d'ahi mais um gole para empurrar uma *bucha* que aqui tenho no *gorgomillo*!

Que pandega! Eu, ora eu... que fiz? Não sabem o meu genio?

Sempre *melancholico!*

*

. . . . . .

E eu comia mas não bebia por prohibição do dr. Amaral, emquanto que o chronista do *Povo d'Ovar inspirava-se,* contemplando a lua que passava serena; de pé, sem fallar, nem rir, sem descer d'aquelle logar d'honra que lhe confere o diploma de chronista semsaborão para o sexo forte e agradavel para o *mimoso!*

Foi o rapaz que se conservou sempre no mesmo prumo. Eu ainda lhe disse:—ó collega, chegate. Como *copista,* perdão, como chronista um e como rapaz...

Nem uma palavra em resposta. Curvei-me e retirei.

*

Era meia noite quando terminou o gró. Fui para mais proximo do corêto, e que vi eu? uma menina d'outros tempos, com lenço de seda avelludado, rosada e de olhos...

Ah!... ora bem se diz:—«quanto se falla, quanto se paga!» Eu que tenho taxado de *bolhudo* o Luiz das chronicas por elle só tratar do seguinte: «amei e amo porque o amor faz arrebatar as almas e porque eu amo, etc., etc., uma quantidade d'amores que o homem descreve e que, pelo que se consta... *da bocca d'elle,* tem saboreado! e agora a tentar subtrahir do passado coisas d'amores...

Nada, nada, deixemo-nos de idyllios; os leitores começam a dizer:—«o Luiz do *Povo* é *telhudo* sabido e o Jayme da *Folha* é tolo por responder a *telhudos.* Ouviste, ó Luiz?

*

Mas, verdade, verdade, o chronista a quem me refiro, é chronista até nos escriptos. Comprehenderam-me, leitores? Quero dizer: é *massador;* o que escreve hoje, escreve amanhã: sempre com o mesmo estylo com leves modificações e então, sempre o mesmo assumpto:—amei, não fui amado, mas heide amar, santo nome de Maria, tanto *amor* que entra pela porta do chronista! E' muito esperto: é um *rato*

E então vê-se logo que a sua respeitavel *cachóla* está replecta até mais não poder ser de termos de Julio Diniz, de Babsac e, de quando em quando, tambem alguns do Xavier, da França.

Aquillo sim, aquillo é que é força de vontade em *decorar* o que grandes homens escreveram para...

As chronicas do *Povo d'Ovar* que o digam para quê...

*

Por mal do que tenho feito, deitei-me na madrugada de domingo ás 4 horas.

Tinha amanhecido. Os rouxinoes entoavam as suas melodias e o melro...

Melro é o Luiz das chronicas, porque escreve com a mesma facilidade como esta ave canta.

Mas dizia eu: os rouxinoes...

Rouxinol é o Luiz, porque entôa os seus cantos *d'amores* com este passaro, após os primeiros clarões matinaes, lá p'r'ó Carregal.

Quem será a *nympha* do menino *chronico-bolhudo?*

Consta-se tambem pela bôcca do... mesmo, que *ella* costuma dizer ás demais nymphas, snas amigas:—«Ai!... o meu Avanto, o meu joven Luizinho é tão amavel, é tão fino que até só escreve coisas lá no *Povo* com respeito ao *amor* de nós ambos *de dois!*

Será verdade?

Coitadito do homem. Na sua ultima chronica diz que desejava passar a juventude como passou a infancia?

Pois eu, caro collega, lastimo tudo isso e aconselho-te a que vás ser chronista para a Regedoura, terra da *telha!*

Vae, vae, meu menino. Coitadinho! Deus te fade bem. Olha: quantos dias e quantas noites gastas tu a escreveres a tua mimosa chronicasinha?

Olha lá: quantos romances tens na tua frente para tirares de todos alguns fragmentos, fragmentos que em massa prefazem uma chronica?

Ai, marôto, que tu *copias* mais do que escreves... Eu logo vi, eu logo vi que tu *rapinas* o que outros trabalharam!

Apéga-te á «Mocidade e o Destino», *preciosidade* do Tio Nóra, d'Aveiro; vê isso bem.

Pois crê-me que te comparo a elle.

*

E que lhes parecem? Eu entretido só com o collega!

Dizia eu que fui a Guilhovae.

No dia, a mesma coisa. Fui antes a caza do José d'Oliveira Picado, refresquei as *guellas* e no arraial fui merendar para o mesmo eirado.

Lá estava o meu collega a fallar ás *doceiras.*

Provavelmente temos chronica *doce* no domingo.

Pois eu, leitores, d'ora avante, tratarei do meu officio e não de dar satisfações ás *manias* do *telhudo* do «Povo».

Eu com elle não tive nem tenho contracto algum e comvôsco sou obrigado a apresentar-vos uma chronica como puder e como sahir do prélo-cabeça.

Ora então, as minhas despedidas e as minhas desculpas e tu, Luizinho, visto os banhos d'agua fria não fazerem effeito á tua caixa da intelligencia, vae para a Regedoura.

Jayme.

PELO ESTRANGEIRO

A festa das flores em Paris

—

No Bosque de Bolonha realisou-se no domingo uma brilhantissima batalha de flores.

O numero de carruagens era tal que apesar do magnifico serviço da policia havia de continuo choques entre aquellas, o que afinal produzia simplesmente leves sustos. A avenida das Accacias era occupada em toda a sua extensão por quatro filas de equipagens que seguiam a passo, muito vagarosas, causando isso a principio uma certa impaciencia por parte dos peões, o que ia pondo uma nota desagradavel na gentilissima festa.

Todas essas equipagens iam graciosamente ornadas de flores e qual d'ellas com mais bom gosto. Tornou-se notavel, porém, como sendo a mais original, uma carruagem armada em fórma de canôa e completamente coberta de flores azues e brancas, levando á popa tambem um pavilhão de sêda com as mesmas côres.

Pelas quatro horas principiou a batalha, que em breve tomou uma enorme animação.

Foi, como nos mais annos, em frente ao pavilhão da imprensa, que a batalha se feriu com mais *entrain.*

Durou até ás sete horas, ficando a avenida juncada de flores, que por momentos chegaram quasi a escurecer o ar, tão densas eram as nuvens dos perfumados e leves projectis, arremessados das carruagens para os peões e d'estes para as carruagens.

Algumas das elegantes, tendo-se-lhes esgotado as munições de *guerra,* chegaram a arrancar as flores que guarneciam as suas equipagens para lançal-as contra os adversarios.

Assistiram á festa o rei da Suecia e o ex-rei Milan, da Servia.

Tragedia de ciume

—

Domingo passado em Isle-Adam, pequena, mas bonita cidade do departamento de Seine et Oise, dois jovens, Henrique Coimet, de 20 annos e Georgetta Lendron, de 17, entraram juntos no hotel S. Nicolau e pediram um quarto. Foi-lhes dado um no 2.° andar.

No dia seguinte Henrique pediu papel e tinta para escrever. Uma hora depois ouviram-se gritos de soccorro.

A gerente do hotel, acudindo, viu no sobrado Georgetta estendida, ensanguentada e respirando apenas. Na cama jazia Henrique, tambem ensanguentado e moribundo.

A primeira tinha no peito uma grande ferida escancarada, por onde corria o sangue. O joven tinha duas feridas.

Georgetta não podia fallar.

Henrique ainda teve alento para declarar o seguinte:

—«Eu conhecia Georgetta ha tres annos. Tive de ausentar-me para Poissy. Georgetta escreveu-me regularmente nos primeiros tempos, mas depois cessou toda a correspondencia. Ha dias escreveu a um dos meus amigos, dizendo-lhe que ia casar-se com Augusto Ratel.

«Furioso de ciumes voltei aqui e comprei um rewolver, mas tendo fallado com Georgetta destrui a arma á sua vista. Passamos o dia e a noite juntos.

«Esta manhã, porém, tornou a declarar-me que estava disposta a casar com Augusto Ratel.

—«Visto isso, disse-lhe eu, só me resta morrer! E abri a navalha.

«Georgetta agarrou-me o braço.

—«Não quero que morras; sem mim. Fere-me, senão és um covarde.

—«Estás decidida a morrer? Disse-lhe eu!

—«Sim!

—«Queres escrever uma carta, assim como eu, para ser encontrada depois da nossa morte?

—«Sim.

«Georgeta escreveu á sua amiga Angela e eu a meu tio. Depois como eu hesitasse ainda em feril-a, desabotoou o vestido e repetiu-me: Fere, covarde! Dei-lhe então uma facada e duas em mim.

Henrique apresentou as cartas. A de Gergetta dizia:

«Minha querida Angela.—Escrevo-te antes de morrer. Hontem teria devido attender os teus conselhos. Hoje é já muito tarde. Diz a Augusto que morro por elle.

«Abraça-o por mim, assim como a minha mãe e a meus irmãos pequenos. Diz-lhe que pense algumas vezes em mim.

Georgetta.»

Os dois amantes foram transportados ao hospital, onde Georgetta recuperando os sentidos, desmentiu as declarações de Henrique. Este tinha-a ferido depois de a ter obrigado a escrever aquella carta.

Andarilhos

—

Pelas 6 horas da manhã do dia 5 do corrente sahiram de Paris, para Belfort, em marcha de resistencia, 1:136 andarilhos amadores.

A carreira foi organisada pelo *Petit Journal.*

Entre as pessoas inscriptas notam-se escriptores, jornalistas, artistas, commerciantes, engenheiros, proprietarios, etc.

Os premios offerecidos aos primeiros andarilhos que chegarem a Belfort, limite da marcha, elevam-se á respeitavel quantia de 9.680 francos, alem de 17 medalhas, e varios objectos de arte, offerecidos pelo governo, e por diversas sociedades interessadas na educação physica da mocidade franceza. O primeiro andarilho receberá um premio de 2:000 francos e o titulo de campeão de França.

Na linha do trajecto estabeleceram-se 117 estações de vigilancia.

Dos 1:136 inscriptos 457 teem o seu domicilio nas provincias, e vieram a Paris expressamente para tomar parte no *certamen.*

Para quem gostar

—

X, que nunca subiu á tribuna parlamentar, foi inquirido um dia por um amigo:

—Porque diabo você nunca fallou?

—Ora... Ha tantos collegas que fallam, que é preciso haver alguem que escute!

*

Umas vendedeiras de sardinha assistiam a um espectaculo, em que se representava uma opereta.

Abriu o acto com um côro.

Observação de uma das vendedeiras:

—Que gente amavel! Como viram que estamos aqui, estão todas gritando juntas para nos agradar!

*

A principal virtude de uma menina é *exactamente* a que *ella* desconhece.

SECÇÃO CHARADISTICA

CHARADAS NOVISSIMAS

—

(A LOUREIRO DE FIGUEIREDO)

Existes, fructo, nos peixes?—1-2

Nota o vagaroso que é humido—1-2

Respiramos nas calças uma povoação—1-1

Este appellido suja um reptil—1-1

Que grande mulher, flôr!—2-2

Tem o homem uma ave de valor—1-2

Um perfixo tem rima por ser malvado—1-2

No vulgo ha um animal na Sicilia—1-1

Ois do Bairro.

Gonçalves Pereira.

ANNUNCIOS JUDICIAES

Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 19 de junho proximo, por meio dia e á porta do tribunal da comarca, sito na Praça, d'esta villa, se ha de proceder á arrematação d'um predio de casas terreas, com cortinha lavradia pegada e mais pertenças, sito no logar do Monte, freguezia d'Arada, d'esta comarca, avaliado em 150$000 réis.

Este predio vae á praça para ser arrematado e entregue a quem mais der, sobre a avaliação, na execução hypothecaria que Antonio Rodrigues Fanêco, viuvo, da rua das Figueiras, d'esta villa, move contra Antonio Rodrigues Pereira e mulher, e irmãos e cunhado, do logar do Monte, freguezia d'Arada.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos dos executados, para assistirem á arrematação e aos termos da execução.

Ovar, 28 de maio de 1892.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elysio Ferraz de Abreu. (27)

EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juiso de Direito da comarca de Ovar, e cartorio do escrivão Sobreira, correm editos de trinta e sessenta dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando pelos primeiros os credores e legatarios, por ora desconhecidos, para deduzirem os seus direitos, e pelos segundos, os herdeiros Antonio Marques d'Oliveira, viuvo; Francisco Marques d'Oliveira, casado, e Manoel Marques d'Oliveira, casado. ausentes no Brazil, em parte incerta, para os termos do inventario orphanologico aberto por obito de Maria Francisca d'Oliveira, moradora, que foi, no logar da Lavoura, freguezia de Cortegaça.

Ovar, 24 de maio de 1892.

Verifiquei.

O juiz de direito,
Salgado e Carneiro.

O escrivão,
Antonio dos Santos Sobreira.
(26)

ANNUNCIOS

Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc.

Estes pós são uma das melhores preparações para a limpeza dos dentes. Não atacam o esmalte — porque são alcalinos, fortificam as gengivas e tiram o mau halito.

Caixa 100 réis

PHARMACIA ZAGALLO DE LIMA

PRAÇA, 63 — OVAR

AGRADECIMENTO

Maria Araujo d'Oliveira Cardoso, Seraphim d'Oliveira Cardoso Baldaia, Carolina Adelaide d'Oliveira Cardoso Baldaia, Anna de Araujo Sommer, Rosa de Araujo Sobreira, Antonio Ferreira de Araujo, Henrique d'Oliveira Sommer e Antonio dos Santos Sobreira, agradecem penhoradissimos a todas as pessoas que tiveram a fineza de os cumprimentar por occasião do fallecimento de seu muito chorado esposo, filho, sobrinho e cunhado, dr. Anthero Garcia d'Oliveira Cardoso, protestando a todos o seu eterno reconhecimento.

Ovar, 1 de junho de 1892.

CATALOGO DAS OBRAS

A' VENDA NA

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77 — PORTO

Contos e historias diversas

O verdadeiro livro de S. Cypriano, traduzido do original por N. C. D.—Primeiro e segundo livro com estampas coloridas	500
O menino da matta e o seu cão piloto	60
Arte para curar bois, vaccas, borregos, porcos, cabras e outros animaes	60
Malicia e maldade das mulheres e a malicia dos homens	40
Historia dos tres filhos, ou o gato das botas	20
O noivado do sepulchro (ballada)	20
Os effeitos da pinga (questão entre um sapateiro e sua mulher)	20
Segredos da tarimba (vida de um militar)	20
Interessantes conselhos que uma creada dá a um creado com quem pretende casar, para elle ser rico em pouco tempo (obra em verso)	20
Cousas do arco da velha	20
O amante despresado	20
As botas de sete leguas	20
Historia biblica	20
Historia de José Portugal	20
Tristes queixumes de um pintasilgo	20
Arte de cada pessoa conhecer a sua signa	20
O Judeu errante (historia biblica)	20
Atexto de dois cantadores—A menina padeira—Um negociante de melancias	20
O A B C dos amores, seguido da Linguagem das flores e sua significação	20
Atexto de dois cantadores—A confissão do marujo—A despedida da mãe com o filho	20
Tragedia do *Marquez de Mantua* e do Imperador Carlos Magno	40
Auto de *Santa Genoveva*, princeza de Barbante, em que fallam Santa Genoveva, sua mãe: Sigesfredo, seu esposo; Tristão, seu filho; Golo, mordomo; uma criada, e dous criados	40
Auto do *Dia de Juizo*, no qual fallam S. João, Nossa Senhora S. Pedro, S. Miguel, um Seraphim, Lucifer, Satanaz, David, Absalão, Urias, Caim, Abel, Dálilo, um vilão, um tabellião, um carniceiro, uma regateira e um moleiro	40
Auto de *Santo Aleixo*, filho de Eufemiano senador de Roma	40
Auto de *Santo Antonio*, livrando seu pai do patiublo	40

Dramas, comedias e scenas-comicas

Cynismo, scepticismo e crença, Cesar de Lacerda, comedia-drama original em dois actos (2.ª edição)	300
Os homens que riem, (do mesmo auctor), comedia em 3 actos	400
Homens e feras, (do mesmo auctor), drama em 1 prologo e 3 actos	400
Os viscondes d'Algirão, (do mesmo auctor), comedia original em 3 actos e 1 prologo dividido em 2 quadros	400
O poder do ouro, por Dias Guimarães, drama em 4 actos	500
O Condemnado, (do mesmo) drama em 3 actos e 4 quadros	400
Theatro comico— Entre a flauta e a viola—A morgadinha de Val d'Amores, (do mesmo auctor)	400
A Judia, por Pinheiro Chagas, drama em 5 actos	400
Magdalena, (do mesmo auctor), drama em 4 actos.	400
Helena, (do mesmo auctor), comedia em 5 actos.	400
No palco (monologos e dialogos em verso) por Raul Didier, 1 volume	400
O sargento-mór de Villar, por Augusto Garraio, drama em 5 actos e 6 quadros, extrahido do romance de egual titulo, de Arnaldo Gama.	360
Os tripeiros, (do mesmo auctor), chronica do seculo XIV, drama historico de grande espectaculo em 5 actos, baseado no romance do mesmo titulo do fallecido escriptor C. Louzada.	300
Henriqueta, a aventureira, (do mesmo auctor), drama em 5 actos, com o retrato da heroina e 4 gravuras representando as priucipaes scenas do drama	400
Os espelhos de D. Maria Avó, por F. Assis Pinheiro, comemedia em 1 acto	100

N'esta officina, imprime-se todo e qualquer trabalho typographico com a maior rapidez e perfeição possivel, como *bilhetes de visita* a 160, 200, 240, 300, 360 e 400 réis o cento, facturas, memorandums, mappas, bilhetes de estabelecimento, etc.

Fabricam-se carimbos de borracha.

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMMENDAS

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77

PORTO

Noções Praticas de Tachygraphia

Foi agora publicado sob este titulo um methodo de tachygraphia, escripto pelo nosso collega da *Folha do Povo* J. Fraga Pery de Linde, tachygrapho da camara dos pares, que o dedicou especialmente a jornalistas e estudantes.

A edição é da casa Guillard, Aillaud & C.ª, e custa apenas 200 réis.

Vende-se em casa de **Silva Cerveira—Ovar.**

As noções praticas da tachygraphia devem ser adquiridas por todos os que desejarem aprender a fórma de tomar rapidamente quaesquer apontamentos.

CASA

Vende-se na rua do Pinheiro uma pertencente a D. Julia E. Dias de Lima. Tem quintal e poço.

Aos srs. viajantes

Appareceu hoje á venda em todas as livrarias um pequeno folheto cujo prestimo está declarado no seu titulo, *Guia auxiliar para as viagens de excursão em todas as linhas ferreas de Portugal*, com itenerarios escolhidos á vontade dos passageiros.

Custa este folheto a insignificante quantia de 60 réis, e é revisto pelo engenheiro o ex.mo sr. F. Perfeito de Magalhães, e editado pelos prestimosos e bem conhecidos livreiros-editores Guillard, Aillaud & C.ª

Em Ovar, vende-se em casa de **Silva Cerveira.**

AVISO

AO

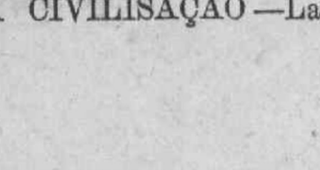
PUBLICO

Arnaldo Augusto da Silva Moura participa ao respeitavel publico em geral e aos seus amigos e freguezes que acaba de abrir um atelier de alfaiate, no largo da Praça, n.os 35 e 36, Ovar, no qual se fazem fatos promptos a vestir de magnificas fazendas, desde o preço de 4$500 até 20$000 réis; assim como se encontra um grande e variado sortimento de fatos feitos tanto para homem como para creança.

No mesmo estabelecimento se faz um fato completo em 12 horas, responsabilisando-se pelo bom trabalho e boas fazendas, tendo para isso um pessoal habilitado.

Preços extremamente baratos para adquirir freguezia.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços **muito reduzidos** para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e aprom-ptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias, se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,

Antonio da Silva Nataria

Antonio Ferreira Marcellino.

Porto—IMPRENSA CIVILISAÇÃO—Largo da Pocinha, 73-77